



SISTEMA AGROALIMENTAR LOCAL: UMA ABORDAGEM PARA A ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE MORANGOS, NO VALE DO CAÍ, RS

SUZIMARY SPECHT; ALDOMAR ARNALDO RÜCKERT;

PGDR - UFRGS

PORTO ALEGRE - RS - BRASIL

suzispecht@hotmail.com

APRESENTAÇÃO ORAL

Agricultura Familiar e Ruralidade

SISTEMA AGROALIMENTAR LOCAL: uma abordagem para a análise da produção de morangos, no Vale do Caí, RS.

Grupo de Pesquisa: 7- Agricultura Familiar e Ruralidade

Resumo

Os novos arranjos territoriais que passaram a figurar a partir do final do século XX, estão causando mudanças em diferentes escalas geográficas dos sistemas socioeconômicos. No caso da agricultura, as iniciativas de âmbito local têm surgido como uma resposta às imposições oriundas da produção global de *commodities*. Produtos típicos ou tradicionais tem sido oferecidos no mercado para satisfazer consumidores que valorizam aspectos como: cultura, tradição, paisagem e cuidados ambientais, criando laços de identidade com o produto consumido. Neste contexto é que surge o SIAL (sistemas agroalimentares localizados), como uma abordagem capaz de analisar as relações entre as atividades agroalimentares constituídas territorialmente, pela valorização e uso dos recursos locais. Com base nesta abordagem o propósito deste estudo é averiguar se determinadas características que configuram um SIAL podem ser identificadas na produção familiar de morango, no Vale do Caí, no Rio Grande do Sul. Como resultado deste estudo pode-se averiguar que o SIAL se configura pelo uso de determinados ativos territoriais locais mobilizados pelos agricultores familiares que estão gerando uma identidade para o local atrelada ao morango produzido no Vale do rio Caí.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Palavras-chaves: Sistemas Agroalimentares Locais, Produção de Morango, Vale do Rio Caí.

Abstract

New territorial arrangements that appeared from the end of the XXth century on are causing changes in different geographical scales of socioeconomic systems. In the case of agriculture, local initiatives have appeared as an answer to impositions of global commodities production. Typical or traditional products have been offered in markets to satisfy consumers that valorize aspects as: culture, tradition, landscape and environmental care, creating links with the consumed product. In this context emerges SIAL (agroalimentar localized systems) as an approach able to analyze relations among agroalimentar activities territorially constituted and local resources use. Based upon this approach the objective of this study is to check if determined characteristics that constitute an SIAL may be identified in familiar small farmers strawberry production, in Cai River Valley, Rio Grande do Sul State. As a result of this study it is possible to see that SIAL is configured by the use of determined local territorial stocks mobilized by familiar small farmers that are generating an identity for the local related to strawberries produced in Cai River Valley.

Key Words: Agroalimentar Local Systems, Strawberry Production, Cai River Valley

1. INTRODUÇÃO

O modelo de produção econômica mundial vem sofrendo alterações significativas desde o pós-Segunda Guerra. Depois de um período de pujança do Estado capitalista, este começou a entrar em crise na década de 70, desencadeando numa série de mudanças estruturais e conjunturais ao nível mundial que se fizeram sentir a partir dos anos 80. De um Estado centralizador passou-se a uma permissividade flexível, em grande parte influenciada pela intensificação da internacionalização do capital condicionado ao mercado financeiro.

Paralelamente, o fluxo do comércio foi intensificado em todas as escalas geográficas. A hierarquia vertical das transações passou assim a perder o sentido, à medida que as fronteiras deixaram de ser contingentes para restringir o fluxo de mercadorias. Conseqüentemente, um diferente sentido passa a ser dado para o espaço. O local assume uma posição de dependência perante as dinâmicas globais, mas estas por si só não têm sentido sem a materialidade do local.

Na agricultura, surgiram novas questões relacionadas aos processos produtivos. O hegemônico mercado das *commodities* agrícolas globais passou a dividir o espaço com novas formas produtivas locais, como as representadas pelos produtos típicos ou tradicionais, que atendem à novas demandas dos consumidores, ao agregar como diferenciais qualitativos ao alimento: cuidados ambientais, tradições, a cultura local e a paisagem rural. Estas peculiaridades vêm gerando uma relação específica de proximidade entre o consumidor e o produto consumido, um forma de vínculo, de identidade.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Por conseqüência, para investigar estas mudanças tornaram-se necessárias também novas abordagens, como a dos Sistemas Agroalimentares Locais - SIAL. Esta teve origem com os estudos franceses do Cirad, em 1996, onde a base propositiva foi a ênfase dada à importância do espaço, ao destacar o território como um ator histórico e social, necessário para o entendimento de como determinados sistemas agroalimentares se estruturam no âmbito local, além de destacar também, as ligações que se estabelecem entre um conjunto de atividades que estão concentradas geograficamente e que têm possibilidade de conquistar mercados locais e de escalas não-locais, atuando muitas vezes em nichos de mercado, com alto valor agregado.

Além disso, pode-se dizer que um sistema agroalimentar local se estrutura quando a qualidade dos produtos é ligada ao seu território de produção e, por conseguinte, consegue elencar os ativos específicos deste território fazendo uso dos recursos comuns de diversas ordens, disponíveis aos atores sociais que atuam neste sistema agroalimentar. Assim, além da produção coletiva de bens públicos e privados, pode-se destacar também a preocupação com o meio ambiente e a valorização da cultura e do saber fazer local.

Concomitantemente, a imagem que o consumidor cria do território produtivo torna-se ponto fundamental para a sustentação do SIAL, onde cada território é único, com características próprias não copiáveis. Mas para que tal imagem se crie, e seja positiva, é necessária a atuação de vários atores sociais localizados nos grandes conjuntos do Estado, do mercado e da sociedade civil.

A ação coletiva ou individual de cada um destes conjuntos torna-se fundamental para determinar o melhor uso dos recursos, a fim de proporcionar a dinamicidade necessária para o sistema agroalimentar local. Neste âmbito o desafio não se configura em apenas propor uma combinação satisfatória em termos de rendimento e produtividade dos meios materiais e dos recursos humanos, mas pelo manejo racional dos ativos territoriais específicos, que são os recursos físicos, humanos e sociais disponíveis no espaço local da produção.

No caso deste estudo, o espaço local de análise é o que se refere à produção de morango, no Vale do Caí- RS, sendo que buscar-se-á analisar este processo sob a luz da abordagem do SIAL, no sentido de averiguar quais ativos territoriais específicos: materiais, históricos e intangíveis estão sendo elencados pelos atores sociais, políticos e institucionais locais.

2. REORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO: do global ao local

O processo de globalização está levando a uma reorganização do espaço, onde são incluídos e excluídos vários países ou parte desses, e esta reorganização vem gerando impactos na economia, na política, na cultura, e por conseqüência, no comportamento e nas demandas da sociedade. Desta forma, para Conti, a estrutura de referência do comportamento econômico constitui, cada vez mais, um conjunto variado (no espaço) e variável (no tempo) de recursos, mercados e conhecimento tecnológico e, cada vez menos, restrito às fronteiras nacionais e continentais (2005, p. 214).

Esta realidade denota o que para Bonanno et al. (2004) seriam as possibilidades de novas alternativas, onde se mesclam efeitos positivos e negativos da globalização, que no caso da agricultura podem ser resumidos em quatro aspectos: i) as cadeias de



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



commodities que estão calcadas na exploração intensiva dos recursos naturais e humanos e beneficiam uma parcela limitada de segmentos da sociedade; por isso ações locais deveriam elencar uma reorganização de prioridades nestas cadeias; ii) ocorrem divergências entre as agendas das corporações transnacionais e de alguns grupos de consumidores, pois as corporações transnacionais buscam a racionalização do processo de produção, enquanto muitos consumidores estão desenvolvendo novas sensibilidades culturais sobre a qualidade do consumo, e por isso não estão interessados em produtos baratos, mas sim, na qualidade do produto, levando os mercados a se redefinirem pelas ações dos consumidores; iii) as demandas de alguns grupos de consumidores que se preocupam com a qualidade e o meio ambiente são vistas com uma ameaça por parte dos trabalhadores que vêem essas demandas ameaçarem seus empregos; iv) a globalização vem alterando a estrutura da política, sendo que na escala interna instituições políticas tradicionais vêm perdendo espaço para as ligações verticais e principalmente as ligações horizontais entre os atores, e as ações internacionais requerem estratégias de solidariedade que ultrapassem as fronteiras locais e nacionais.

Mas essas mudanças, além da agricultura, também se refletem na indústria, no sentido de que as empresas industriais e agroindustriais, apesar de atuarem em escala global, vêm buscando sempre mais incorporar características de ambientes locais no seu processo produtivo, ou seja, apesar do receio que existiu nos anos 80 de que a globalização levaria à uma padronização dos modos produtivos, padrões de consumo e estilos de vida em escala mundial, percebeu-se que o processo de globalização, por outro lado, também contribuiu para valorizar as diferenças e especificidades locais.

Tal contexto para Santos (1996) seria a dialética de interpretação do mundo: as verticalidades e as horizontalidades. As verticalidades são esta dinâmica do global, onde é considerada somente uma temporalidade, o tempo da competitividade e lucratividade em escala planetária, enquanto que as horizontalidades seriam os espaços em que as ações da vida cotidiana congregam várias temporalidades, valorando a força do lugar, a existência de todos os atores sociais e de cada um deles.

Estas novas características contribuíram para que a partir da década de 90, diferentes formas produtivas passassem a ser caracterizadas, pelo que Borja y Castells (1997) chamariam de conjunto de sinergia econômica e social, onde no centro de gestão do global, as características do local se manifestam em três pilares: da produtividade e da competitividade econômica, da integração sócio-cultural e da representação e gestão pública.

Outros autores também enfatizam suas análises sobre essas novas formas produtivas, exponenciando o papel do local, como Asheim e Cooke (1997), que pautam sua importância em quatro pontos: i) o capital humano, e as interações entre universidades, centros de treinamento, escolas e empresas; ii) a constituição de redes formais e informais, quando da realização de negócios e troca de informações, através de encontros planejados ou causais entre vendedores e compradores; iii) sinergias compartilhadas; e iv) existência e uso de poderes estratégicos de administração pública e privada. Neste sentido, o papel da sociedade civil passa a ter maior envergadura nesta nova estruturação, propiciando maior força às formas associativas da sociedade civil como ONGs, cooperativas, sindicatos, entre outros.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Esta conjuntura com as especificidades locais, onde estão intrínsecas as ações dos atores locais, tanto das pessoas, como das instituições, vem fomentando mudanças nas formas produtivas da indústria e do campo.

3. OS SISTEMAS AGROALIMENTARES LOCAIS

No final do século XX começaram a despontar em nível mundial algumas redefinições nas trajetórias de produção agrícola e pecuária, com relevância à conjugação do uso de recursos físicos e sócio-culturais locais, numa mescla de manutenção e reconstrução das cadeias de abastecimento e sistemas regulatórios, onde o Estado e as instituições sociais têm importante papel, além do conhecimento, atributos, manufaturas, tecnologias e os fenômenos naturais, tipicamente locais, onde as especificidades territoriais tornam-se um diferencial produtivo, por culminarem na possibilidade de conjugação de uma série de elementos: físicos, sociais, culturais e institucionais, gerando um sistema produtivo agroalimentar.

Num rápido retrospecto temporal poderia-se dizer que um dos modos de análise da nova forma produtiva no campo, denominada como sistema agroalimentar local, surgiu no contexto da década de 80, quando ao lado do processo padronizante apregoado em função da globalização, ocorriam amostras de que produções localizadas, simples, na contramão do sistema, podiam ser eficientes e geradoras de desenvolvimento. No ímpeto de entender esta dinâmica, o INRA, através de seus pesquisadores, desenvolveu vários estudos na América Latina sobre as agroindústrias rurais – AIR¹, pequenas empresas de transformação de alimentos, concentradas espacialmente, embasadas em tecnologias locais e num saber fazer local, sendo historicamente construídas.

No limiar dos anos 90, outras questões também passaram a circundar os processos produtivos da agricultura, como os problemas ambientais, a qualificação e diversificação dos produtos e a multifuncionalidade dos espaços rurais. E assim, do mesmo modo como algumas correntes da economia passaram a estudar as concentrações espaciais de empresas ligadas ao território e as especificidades locais como fatores diferenciais de produção, também foram surgindo novas leituras analíticas para as questões ligadas à agricultura e ao meio rural, onde se destaca a noção do SIAL – sistemas agroalimentares locais, que surgiu em 1996.

Esta noção foi definida no âmbito dos estudos franceses do Cirad-Sar (1996), como organizações de produção e de serviço (unidades agrícolas, empresas agroalimentares, empresas comerciais, microempresas, restaurantes, etc.) associados, mediante suas características e seu funcionamento, a um território específico, sendo que para Muchnik e Sautier (1998), o SIAL se constitui quando num território se conjugam as redes de relações, a cultura, as instituições, a população, seu saber fazer, seus produtos, e seus padrões alimentícios, numa forma de sistema agroalimentar, em uma escala espacial determinada.

Entretanto, as pesquisas sobre os diferentes sistemas agroalimentares locais foram avançando, sendo que em 2001, foi criado o GIS – SIAL (systèmes

¹ São exemplo de AIR as panela (doces feitos com açúcar mascavo) na Colômbia, o tapa de dulce (doces de batata) na Costa Rica, a farinha de mandioca no Brasil e as queijarias rurais no Equador.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



agroalimentares localisés) constituído por seis instituições: INRA, CIRAD, Université de Versailles – Saint Quentin, Université de Montpellier I, Sup Agro de Montpellier e a Agropolis Internacional. Este centro de pesquisa ao desdobrar trabalhos analíticos sobre SIAL, passou a mobilizar alguns marcos conceituais, abrangendo várias disciplinas, e por outro lado, vem trabalhando no sentido de analisar a possibilidade ou não da utilização do SIAL como ferramenta de ação, orientação e inovação, para algumas instituições que atuam em espaços produtivos rurais.

A noção de SIAL passa a ser constituída como objeto concreto, ou seja, um conjunto de atividades agroalimentares constituídas territorialmente, e como um enfoque, ou seja, uma forma de abordar o desenvolvimento dos recursos locais, mesmo quando o sistema ainda não existe.

No que se refere ao seu cerne, muitas vezes esta noção é vista como restrita ao mundo rural por ter como foco sistemas agroalimentares, mas na verdade, segundo Díaz-Bautista (2001) um SIAL é um espaço elaborado, fruto de uma construção social, impregnada de características culturais e regulada institucionalmente, ou seja, a ação dos agentes humanos e institucionais num SIAL não se restringe a um recorte espacial localizado do rural.

Neste sentido, os Sistemas Agroalimentares Locais permitem, segundo Lins (2006), a existência de vários níveis de diálogo ao longo da cadeia produção-comercialização-consumo, sendo que nos elos verticais temos os produtores/beneficiadores e os fornecedores de insumos e equipamentos, e a relação destes com os comerciantes/distribuidores/consumidores. Já os elos horizontais consistem nas iniciativas de associativismo e cooperativismo, e as características culturais e de identidade dos atores sociais, os saberes locais, dos produtores ou beneficiadores. Existem ainda configurações multilaterais, que transcendem a escala da cadeia e alcançam instituições de diferentes naturezas e funções. Além destes elos, também deve ser salientada a importância dos atores individualmente, base para que os conhecimentos sejam adquiridos, para posteriormente serem compartilhados entre os atores que atuam no território em que um sistema agroalimentar se desenvolve.

Com efeito, no setor agroalimentar são fatores de relevância os recursos ou ativos territoriais específicos, o que para Brodhag (2000), adquire maior relevância pelo fato dos recursos locais serem resultantes da articulação de fatores sócio-culturais e biológicos.

Além disso, Requier-Desjardins (2002) também complementa, que os SIAIS possuem ativos territoriais específicos que são próprios das áreas rurais e do setor agroalimentar. Dentre estes ativos próprios da produção alimentícia, destaca-se a questão referente à proximidade entre os consumidores e o produto alimentar. Esta que não precisa ser necessariamente física, mas pode ser simbólica, no sentido da apreciação e valorização do produto.

Estes ativos específicos, em estudos como o de Fourcade, Muchnik, Treillon, (2005), são vistos como laços da atividade produtiva com o território, que pode ocorrer no plano qualitativo e quantitativo. Estes laços seriam resumidos em três aspectos: i) laços históricos: que são as origens e referências identitárias das pessoas, um sentimento de pertencimento a um espaço e a uma história; ii) laços materiais: como os aspectos físicos (clima, solo, relevo, paisagens), cuidados ambientais, técnicas produtivas e



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



características dos produtos, além dos processos de localização/deslocalização, pois é muito difícil se deslocar territorialmente uma produção primária; iii) laços imateriais: também denominados de patrimônio intangível, como a cultura, seus sabores, saberes e tradições e a imagem do território criada no imaginário das pessoas.

Muitos destes ativos específicos podem ser identificados no processo produtivo do morango, na região do Vale do Caí, no RS, o que instiga à uma análise desta produção a partir do enfoque do SIAL.

4. O Sistema Agroalimentar do Morango no Vale do Caí

A Região do Vale do Caí², está localizada entre a Região Metropolitana de Porto Alegre e a Aglomeração Urbana do Nordeste (Serra Gaúcha). Hodiernamente compreende uma população total de 165.862 habitantes (IBGE, 2005), numa área de 1.854 Km². Apresenta uma baixa densidade demográfica. As atividades agrícolas e pecuárias ainda são a base econômica dos municípios, exceto Montenegro e São Sebastião do Caí, que além da agricultura possuem parques industriais mais desenvolvidos.

Nesta região são produzidas várias culturas agrícolas, com destaque para as flores, mudas, carvão vegetal, críticos e morango; e na pecuária, a suinocultura, a avicultura e a produção de ovos. Esta conformação econômica fortemente arraigada no rural dinamiza a economia e a sociedade local. A taxa de analfabetismo, segundo o Censo Demográfico (2000) é de 4,91%, e a expectativa de vida é de 75,12 anos. Economicamente os índices também são bons, sendo o PIB/per capita de R\$ 14.705,00 maior que a média estadual que é de R\$13.320,00 (FEE, 2004).

A colonização desta região teve início no século XIX, sendo majoritariamente de alemães. As características étnicas dos imigrantes foram deixando marcas no modo produtivo, na cultura e na identidade fortemente rural. A produção agrícola e pecuária, visavam a subsistência dos agricultores e um excedente para comercialização, visto que a localização geográfica do Vale do Caí, facilitava o comércio tanto para Porto Alegre e região, quanto a Caxias do Sul e região.

Até meados da década de 60, a base da pauta produtiva e de comercialização eram as culturas do milho, alfafa, suínos e leite. Mas, já no final da década de 50, a cultura do morango começou a ser introduzida em escala experimental, passando a *posteriori* para a escala comercial. As primeiras mudas utilizadas eram conhecidas como cultivar Guaíba e foram adquiridas do município de Portão, na propriedade de Heine Stroher. Nesta época, o morango era comercializado em Porto Alegre, no Mercado Praia de Belas.

Em 1959 houve uma grande seca, causando a perda de toda a plantação, pois na época o morango não era irrigado. Em 1960, João Bruno Dullius, Luiz Bife e outros produtores, adquiriram mudas de São Paulo, a cultivar Campinas, uma variedade de morango nova, adaptada ao solo e clima local do Vale do Caí. Esta inovação tecnológica foi muito importante para a difusão da cultura do morango na região.

² Dados do Corede Vale do Caí, que compreende os municípios de: Alto Feliz, Barão, Bom Princípio, Brochier, Capela de Santana, Feliz, Harmonia, Linha Nova, Maratá, Montenegro, Pareci Novo, Salvador do Sul, São José do Hortêncio, São José do Sul, São Pedro da Serra, São Sebastião do Caí, São Vendelino, Tupandi e Vale Real.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Já Armando Bach iniciou o plantio de morango em 1962, plantando em terras de seu pai e vendendo a produção para João Bruno Dullius. Aos poucos, João Dullius aumentou sua área com o auxílio do filho Inésio Dullius. Em 1967, Libino Ost também iniciou o cultivo, seguido pelo jovem Celso Bach, que juntou-se a outros agricultores, cultivando o morango em parceria. Nesta época, Celso Bach adquiriu uma kombi para transportar e comercializar o produto. A partir de 1969, Lauro Seidel e seus filhos passaram a cultivar morango na localidade de Vale do Lobo.

No ano de 1970, reconhecendo que a cultura de morango era economicamente viável, Inésio Dullius e Itacir Pastory iniciaram o cultivo em forma de parceria, com outras 30 famílias. Em 1972, Lauro Seidel iniciou o cultivo em parceria com três famílias. Esta opção produtiva teve continuidade, sendo que o município de Feliz é o maior produtor de morango de mesa do Estado, até hoje.

Tal contexto passou a chamar a atenção também, de produtores da localidade de Bom Princípio, que na década de 80 viria a se tornar município, e de produtores do município de São Sebastião do Caí. Em 1967, o principiensense Alfeu Groth conseguiu comprar 200 mudas dos produtores felizenses. Em 1968, o mesmo plantou 15.000 mudas, e em 1969 repicou-as em 100.000 mudas. Daí por diante outros agricultores também passaram a cultivar morangos, na área que hoje compreende o município de Bom Princípio. Já os agricultores de São Sebastião do Caí, que sempre tiveram sua pauta produtiva principal baseada nos cítricos, principalmente bergamota, viram no morango mais uma opção produtiva, mas numa pequena escala produtiva.

Deste modo, os agricultores desta região passaram a integrar o quadro produtivo de morango no Brasil. Atualmente os principais produtores brasileiros são os paulistas, mineiros, catarinenses e gaúchos. No Rio Grande do Sul, o Vale do Rio Caí é o principal produtor de morangos de mesa, especificamente os municípios de Feliz, Bom Princípio e São Sebastião do Caí, seguido da Serra Gaúcha; e a região de Pelotas se destaca na produção de morango-indústria.

Mapa 1- Municípios Produtores de Morango no Vale do Caí - RS

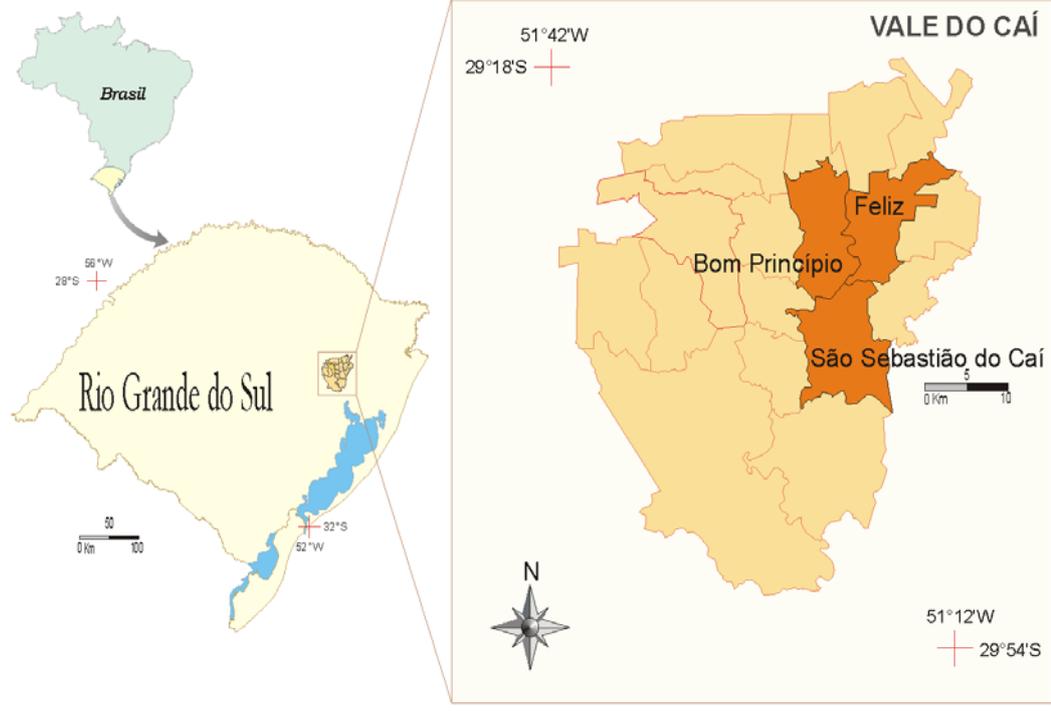


SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Área de Estudo: Produtores de Morango no Vale do Caí



4.1 O MORANGO COMO SISTEMA AGROALIMENTAR LOCAL: identidade e os modos de produção

Desde o início, o cultivo de morango nesta região é feito em propriedades de agricultores familiares, em pequenos lotes de terra, com mão-de-obra intensiva, sendo alguns em regime de parceria. A partir do início dos anos 80, a produção de morango de mesa no Vale do Caí passou a ser o “carro chefe da produção em muitas propriedades”.

Mas, no decorrer dos anos 80, alguns problemas começaram a aparecer com mais frequência. Devido à umidade, o calor e o uso intensivo do solo, a chamada doença do solo e os ácaros começaram a prejudicar, em maior intensidade, a produção de morangos. Para minimizar estes problemas, os agricultores passaram a adotar novas alternativas, como o uso mais intenso de agroquímicos, a rotação de culturas, o uso de mudas importadas e a diversificação das espécies.

Nos anos 90, ocorreram também mudanças significativas no padrão tecnológico, no padrão de consumo e na legislação ambiental em nível mundial e nacional, o que refletiu de diferentes formas no modo de produção local do morango.

No final dos anos 90, os produtores do Vale do Caí começaram a sofrer concorrência dos produtores de morango de mesa da Serra Gaúcha. Por conseguinte, a maior oferta de morango no mercado também levou à queda do preço.

Este conjunto de fatores vem levando a novas formas de ação por parte dos agricultores e dos atores governamentais e institucionais. Os produtores de morango



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



convencional passaram a diversificar sua produção de hortifrutigranjeiros para comercialização, e em Feliz, em 1998, foi criada a Associação dos Produtores de Hortifrutigranjeiros, onde o produção que mais concentra a atenção é a de morango, e já há um selo nas embalagens identificando o produtor. Já um outro grupo de agricultores de Feliz e Bom Princípio criaram em 2000, a Ecomorango, uma cooperativa que iniciou com a produção de morango orgânico, se estendendo posteriormente para outras variedades de hortifrutigranjeiros orgânicos. Em 2007 foi criado em Bom Princípio, numa parceria entre a Emater, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Secretaria Municipal da Agricultura e os agricultores, o Programa: BOM Morango, Qualidade por PRINCÍPIO, para a criação do selo de qualidade ao morango produzido no município. Este programa fomentou também, em março de 2008, na criação da Associação de Produtores de Morangos de Bom Princípio.

A produção de morango está sendo mais profissional, no sentido de um maior cuidado com a qualidade fitossanitária, com o sistema de embalagens, com os rótulos de identificação e os selos, pelos produtores convencionais e orgânicos, além de um maior cuidado em relação ao uso de agrotóxicos por parte dos agricultores convencionais. Está sendo buscado um aprimoramento quanto ao uso dos ativos territoriais materiais, numa conjugação sustentável dos aspectos edafoclimáticos, com tecnologia e qualidade.

Já por parte do poder público, várias ações também vem corroborando para a manutenção da produção de morangos nesta região. Há vários trabalhos conjuntos com as Emateres locais, Sindicatos de Trabalhadores Rurais, Secretarias Municipais de Agricultura, e o Sebrae, a Embrapa Uva e Vinho e as universidades locais, através de convênios para a realização de cursos de capacitação. Além disso, o assunto é corrente na pauta das campanhas políticas e na agenda política dos governos municipais. Desde 2007 está em fase de estruturação um projeto para a produção de morango hidropônico, que está sendo capitaneado pela Secretaria da Agricultura do município de Bom Princípio.

A produção de morango vem sendo muito importante para estes municípios, principalmente a partir dos anos 80, quando esta passou a ocorrer numa maior escala produtiva, em pequenas áreas de terra, em média de 0,8 hectares, ocupando e gerando renda a uma parcela significativa da mão-de-obra familiar rural. Em 2006, foram produzidas 1.800 toneladas de morango, em 50 hectares no município de Feliz; em Bom Princípio 1.100 toneladas de morango, em 31 hectares; e em São Sebastião do Caí, 700 toneladas de morango, em 25 hectares.

Mas a importância da produção de morango não se restringe somente aos aspectos econômicos. Paralelamente, vem sendo construídos ativos específicos históricos, no sentido em que os produtores e a população local passaram a se identificar o seu espaço local, vivencial, com o morango; e esta cultura passou a fazer parte da história deste municípios. Neste sentido, vem corroborando as festas alusivas ao morango que ocorrem no Vale do Caí.

No município de Feliz ocorre anualmente, desde 1993, a Festa das Amoras, Morangos e Chantilly – Uma Festa Colonial, um evento que, além de exponenciar a produção de morangos e de amoras, também valoriza os produtores rurais felizenses e a sua cultura, pelo trabalho que realizam no dia-a-dia. Feliz atualmente, além de ser o



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



maior produtor de morangos de mesa, também é o maior produtor de amoras do Rio Grande do Sul.

Mas o município que mais tem enraizado em seu território a cultura do morango, é Bom Princípio. Apesar de sua produção ser inferior à de Feliz, este município promove desde 1985 a Festa Nacional do Moranguinho, onde se destaca a gastronomia à base de morango. O Pórtico de entrada da cidade é um “Morangão”³, sendo igualmente chamado de morangão o Ginásio de Esportes da cidade, além das placas com o nome das ruas, que trazem como logomarca um morango.

Esta dinâmica traz em si também, a contribuição dos ativos específicos intangíveis que se criaram como a cultura, os sabores, os saberes, a tipicidade e as tradições. Estes ativos normalmente são os que mais instigam os consumidores a consumirem ou não, um determinado produto local, a partir da imagem mental que os mesmos criam do local de produção. No caso do morango, isto se revela quando muitos consumidores, que residem em outras regiões do Estado do Rio Grande do Sul, são questionados sobre quais municípios lhe vem na lembrança quando estes pensam em morango, e eles respondem como sendo a terra do morango as cidades de Bom Princípio ou Feliz. Estes consumidores não estão consumindo somente o morango, mas também as festas alusivas ao morango, a paisagem rural e a história desta região, caracterizando desta forma o morango como um sistema agroalimentar local.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações dos atores sociais, de modo especial dos agricultores, dos atores políticos e institucionais que vem atuando na cadeia produtiva do morango, a partir dos anos 80, demonstram o quão importante é a cultura do morango para os municípios produtores, no Vale do Caí.

A produção desta fruta não se constitui somente como uma fonte de renda aos agricultores, mas sim, como uma identidade territorial que está enraizada no cotidiano dos agricultores e de toda população local, gerando novas alternativas de desenvolvimento, como o surgimento da ecomorango, das festas alusivas ao morango, da valorização da gastronomia, da cultura local e do saber fazer dos agricultores, de formas de turismo e o próprio fortalecimento do comércio local e de todos os integrantes da cadeia produtiva em torno do morango.

Assim sendo, a produção de morango do Vale do Caí, foi introduzida pelos atores sociais, e num processo sistêmico, esta produção passou a influenciar no papel destes atores na sociedade local, ou seja, esta produção vem potencializando os ativos territoriais específicos do local: materiais, históricos e intangíveis, constituindo-se num típico sistema agroalimentar local.

6. BIBLIOGRAFIA

ASHEIM, Bjorn T.; COOKE, Philip. Localised Innovation Networks in a Global Economy: a comparative analysis of endogenous and exogenous regional development approaches. In: *Igu Commission on the Organisation of Industrial Space Residential Conference*. Gothenburg. Sweden, 1997.

³ O morangão é obra de construção civil em forma de morango, com mais de sete metros de altura.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



- BONANNO, Alessandro; MARSDEN, Terry; GRAZIANO DA SILVA, José. Globalização e Localização: elementos para entender a reestruturação dos espaços rurais. In: CAVALCANTI, Josefa S. B. (org.). **Globalização, Trabalho, Meio Ambiente**: mudanças socioeconômicas em regiões frutícolas para exportação. Pernambuco, 2004.
- BORJA, Jordi; CASTELLS, Manuel. *Local y Global: la gestión de las ciudades en la era de la información*. Barcelona: Taurus, 1997.
- BRODHAG, Ch. Agriculture Durable, Terroirs et Pratiques Alimentaires. *Le Courrier de l'Environnement*, n. 40, INRA, Juin 2000, p. 33-45.
- CIRAD-SAR. "Systèmes Agroalimentaires Localisés: organisations, innovations et développement local" orientations et perspectives issues de la consultation du CIRAD "Stratégies de Recherche Dans le Domaine de la Socio-Économie de l'Alimentation et des Industries Agroalimentaires", CIRAD-SAR, 1996.
- CONTI, Sérgio. Espaço Global versus Espaço Local: perspectiva sistêmica do desenvolvimento local. **Economia e Território**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005, p. 209-52.
- DÍAZ-BAUTISTA, A. *Efectos de la Globalización en la Competitividad y en los Sistemas Productivos Locales de México*. México: Observatorio de la Economía Latinoamericana, 2001.
- FOURCADE, C; MUCHNIK, J; TREILLON, R. *Systèmes Productifs Localisés dans le Domaine Agro-alimentaire*. GIS- SYAL, MAAPAR, DATAR, 2005. www.gis-syal.agropolis.fr
- LINS, Hoyêdo. N. Sistemas Agroalimentares Localizados: possível chave de leitura sobre a maricultura em Santa Catarina. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 44, n. 2, 2006, p. 313-30.
- MUCHNICK, J. Sistemas Agroalimentarios Localizados: evolución del concepto y diversidad de situaciones. *III Congreso Internacional de La Red Sial Alimentación y Territorios*. Baeza – España, 2006.
- MUCHNIK, J; SAUTIER, D. *Systèmes Agro-alimentaire Localisés et Construction de Territoires*. ATP CIRAD, 1998.
- REQUIER-DESJARDINS, D. Multifonctionnalité, Territoire et Secteur Agroalimentaire: une approche par les "systèmes agroalimentaires localisés". *Cahiers du C3ED*, n. 02-01, Université de Versailles, Jun 2002.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.